

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA**

GABRIELA AVER

**MATERIAIS E MATERIALIDADES NOS AMBIENTES DE EDUCAÇÃO INFANTIL:
DIVERSIFICANDO E AMPLIANDO RELAÇÕES E EXPERIÊNCIAS**

**CHAPECÓ
2023**

GABRIELA AVER

**MATERIAIS E MATERIALIDADES NOS AMBIENTES DE EDUCAÇÃO INFANTIL:
DIVERSIFICANDO E AMPLIANDO RELAÇÕES E EXPERIÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para aprovação na disciplina de Pesquisa em Educação III.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Andréa Simões Rivero

Co-orientador(a): Prof^ª. Dra. Angélica D'avila Taschetto

CHAPECÓ

2023


GABRIELA AVER

**MATERIAIS E MATERIALIDADES NOS AMBIENTES DE EDUCAÇÃO INFANTIL:
DIVERSIFICANDO E AMPLIANDO RELAÇÕES E EXPERIÊNCIAS**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para aprovação na disciplina de Pesquisa em Educação III.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ANDREA SIMOES RIVERO**
Data: 30/12/2023 11:33:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Andréa Simões Rivero -UFFS
Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
 **ANGELICA D AVILA TASQUETTO**
Data: 21/12/2023 14:17:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Angélica Tasquetto - UFSC
Co-orientador(a)

Aline Lazarotto

Prof. Draª Aline Fatima Lazarotto
Avaliador(a)

Dariane Carlesso

Prof. Ma. Dariane Carlesso - UFFS
Avaliador(a)

MATERIAIS E MATERIALIDADES NOS AMBIENTES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: DIVERSIFICANDO E AMPLIANDO RELAÇÕES E EXPERIÊNCIAS

Gabriela Aver

RESUMO

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico que visa analisar e refletir criticamente sobre os objetos e materiais ofertados às crianças de 0 a 6 anos em contextos de educação infantil. O objetivo geral é o de investigar, na produção teórica da área da Educação Infantil e da Arte, estudos e pesquisas sobre objetos/materiais disponibilizados às crianças nos espaços de instituições, visando refletir sobre os indicativos dessa produção para o processo educativo-pedagógico nesses contextos. O estudo analisou oito artigos, localizados nas plataformas Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES, e revelou a potencialidade de materiais diversificados e a necessidade de construir ambientes que assegurem os direitos das crianças, aliados a uma intencionalidade docente voltada a promover autonomia, criatividade, experiências e aprendizagens diversas. Ficou evidente que a Arte, e principalmente a Arte Contemporânea, desafiam a educação de crianças pequenas, oferecendo oportunidades únicas de ressignificação dos espaços pedagógicos e da oferta de materiais.

Palavras-chave: Educação infantil; Materiais; Espaços; Arte; Arte contemporânea; Proposições pedagógicas.

ABSTRACT

The present study is a qualitative bibliographic research that aims to analyze and critically reflect on the objects and materials offered to children aged 0 to 6 in early childhood education contexts. The general objective is to investigate, in the theoretical production in the area of Early Childhood Education and Art, studies and research on objects/materials made available to children in institutional spaces, reflecting on the indications of this production for the educational-pedagogical process in these contexts. The study analyzed eight articles located on the Google Scholar platforms and the CAPES Periodicals Portal and revealed the potential of diverse materials and the need to build environments that ensure children's rights combined with teaching intentionality aimed at promoting autonomy, creativity, diverse experiences and learning. . It became evident that Art, and especially Contemporary Art, challenges the education of young children, offering unique opportunities for redefining educational spaces and offering materials.

Keywords: Early childhood education; Materials; Spaces; Art; Contemporary art; Pedagogical propositions.

1 INTRODUÇÃO

Ao começar a atuar em 2019 na função de estagiária em uma instituição de educação infantil privada, que organizava o espaço da sala de referência do grupo com diversos objetos¹ e brinquedos constituídos em sua grande maioria de materiais recicláveis ou elementos naturais, levou-me a várias reflexões. Aqueles objetos não eram/são encontrados tão facilmente nas instituições destinadas às crianças de 0 a 5 anos em nosso município, e aquela era a primeira vez que presenciava a sua disponibilização, bem como a exploração daqueles materiais por parte das crianças, que os inseriam de diversas formas em suas experiências, podendo investigá-los durante as suas brincadeiras e interações. O oferecimento desses objetos, que sugeriam múltiplas formas de ação, interação e exploração, provocou indagações sobre a intencionalidade daquela proposta pedagógica: Por que aqueles objetos estavam sendo ofertados às crianças? Que intencionalidades orientavam a disposição daqueles materiais no espaço da sala de referência? Por que uma instituição, que claramente tinha condições de oferecer outros tipos de materiais, optava por objetos não convencionais?

Com um olhar curioso para as ações das crianças, ampliavam-se também as minhas condições para entender melhor as razões para inserir aqueles materiais no cotidiano pedagógico, pois, muitas vezes aqueles objetos fomentavam interações entre as crianças e com os adultos, proporcionando descobertas variadas, investigações, construções e criações. As diversas experiências vividas pelas crianças, assim como as atribuições de significados a esses materiais mostravam elementos relacionados aos seus processos de imaginação e de criatividade, sobre os quais pude começar a refletir durante o tempo em que realizei o estágio não-obrigatório naquela instituição.

O interesse em pesquisar sobre a oferta objetos/materiais diversificados e não convencionais em contextos de educação infantil nasceu, portanto, do desejo de aprofundar a compreensão sobre aspectos dessa experiência e também pela vontade de dar continuidade aos estudos feitos nos componentes curriculares da área de educação infantil do curso de Pedagogia, sobretudo, acerca da importância da organização e planejamento de ambientes

¹ Os objetos que encontrei nesta instituição foram, elementos da natureza como: pedras, conchas, galhos de árvores, folhas em suas diversas cores e formatos, buchas ecológicas, etc. Materiais recicláveis como: embalagens plásticas de diversos formatos, tampas de potes, de litros, etc. Materiais de uso doméstico como: escovas, pá de plástico, garfos, colheres, pratos de plástico, panelas, esponjas, etc.

e/ou espaços para a ampliação de ações diversas, repertórios artístico-culturais, brincadeiras, processos imaginários e criativos e a autonomia das crianças nas instituições.

Pensar a Educação infantil como um espaço rico em experiências que valorizam e respeitam as singularidades e necessidades das crianças, demanda apropriação de conhecimentos, observação, reflexão e ações pedagógicas intencionalmente construídas. Entre essas ações está o planejamento de ambientes que acolhem as crianças, não somente de modo confortável e seguro, mas também a partir da seleção e oferta de materiais e materialidades que considerem suas ações sociais, expressões, o conhecimento de si, do mundo e as relações entre crianças e adultos, possibilitando uma educação integral e a ampliação de saberes e aprendizagens.

Portanto, a presente pesquisa consiste numa pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico cuja aproximação ao objeto de investigação se deu a partir de fontes bibliográficas (Lima; Miotto, 2007, p. 40), perspectivando analisar e refletir criticamente sobre estudos e pesquisas que tratam sobre objetos/materiais ofertados às crianças de 0 a 6 anos de idade em contextos de educação infantil.

O objetivo geral desta pesquisa é o de investigar, na produção teórica da área da Educação Infantil e da Arte, estudos e pesquisas sobre objetos/materiais e materialidades oferecidos às crianças nos espaços de instituições de educação infantil, com o intuito de refletir sobre os indicativos dessa produção para o processo educativo-pedagógico nesses contextos. Nesse sentido, os objetivos específicos são os seguintes: estabelecer uma aproximação às discussões teórico-práticas sobre materiais ofertados em instituições de educação infantil; compreender as perspectivas/visões sobre materiais/materialidades, ambientes e espaços reveladas pelas produções teóricas; localizar indicativos das pesquisas para o planejamento de espaços e materialidades em contextos de educação infantil; refletir sobre as implicações pedagógicas de espaços intencionalmente planejados no que tange à diversificação e ampliação das aprendizagens das crianças.

A pesquisa está estruturada em quatro seções, na primeira procura mergulhar em aspectos importantes da área da Educação Infantil e aproximar-se da temática da pesquisa, amparando-se na contribuições significativas de pesquisadoras como Forneiro (1998), Gandini (1999), Kishimoto (2001), Agostinho (2003), Goldschmied e Jackson (2006), Corsino (2006), Guimarães (2009), Taschetto (2021), Branco (2020), Souza e Tebet (2021). Esta seção pretende estabelecer bases sólidas para a compreensão de propostas pedagógicas

que possibilitam a exploração, autonomia e criatividade na educação infantil, orientadas para o desenvolvimento integral das crianças. Em seguida, o foco será direcionado para a seção "Entre Dúvidas e Descobertas na Pesquisa em Educação Infantil", revelando o processo metodológico adotado neste estudo, descrevendo os desafios e avanços encontrados ao longo do caminho. A subsequente seção, "Materiais, Arte e a ampliação de perspectivas para as proposições pedagógicas", revela as descobertas encontradas nos artigos analisados, narrativas e relatos de situações do cotidiano e de propostas pedagógicas que sugerem a diversidade de materiais nos ambientes educacionais para crianças pequenas, ressaltando a importância da intencionalidade docente e de tempos e espaços planejados para e com as crianças. Por fim, as considerações finais, consolidando reflexões e destacando a importância da ampliação e da diversificação de materiais na Educação Infantil como um caminho promissor para o desenvolvimento integral das crianças.

2 APROXIMAÇÕES À TEMÁTICA DA PESQUISA

Constituírem-se como sujeitos ativos, por meio de interações e partilhas, em espaços de educação infantil que as respeitam e escutam suas linguagens e produções culturais diversas, é um direito das crianças. Muitos desses processos ocorrem durante as brincadeiras, seja na relação com os seus pares ou com os adultos de seu convívio. Destaca-se que é por meio das interações que ocorre o processo de significação, pois, “[...] as interações são entendidas como processos de significação. Inter-agir é agir com alguém ou com alguma coisa.” (Castelo Branco; Corsino, 2020, p.8).

No brincar as crianças ampliam a imaginação, a criatividade, potencialidades, repertórios culturais, conhecimentos e se relacionam, se expressam, conhecem o outro e a si mesmas, comunicando-se por meio de diversas linguagens, entre elas a oralidade, os gestos, o choro, o movimento, o desenho, a pintura, entre outras.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (Brasil, 2009) apresentam orientações sobre a presença das linguagens nas propostas pedagógicas. O documento oficial destaca a importância das práticas pedagógicas baseadas em eixos como interações e brincadeiras, visando garantir experiências enriquecedoras para as crianças. Através dessas práticas, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) propõem a ampliação das vivências sensoriais, expressivas e corporais, possibilitando não apenas a movimentação livre, mas também a expressão das singularidades e o respeito aos ritmos das

crianças. Além disso, as diretrizes enfatizam o fomento à imersão das crianças em diversas linguagens, incluindo gestual, verbal, plástica, dramática e musical, buscando desenvolver experiências com diferentes formas de expressão. Ademais, as DCNEI ressaltam a importância de proporcionar situações de aprendizagem que instiguem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento e a indagação das crianças em relação ao mundo físico, social, temporal e natural. Conforme dispõe a Resolução CNE/CEB 5/2009, em seu artigo 9º:

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

IV - recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais;

V - ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;

XI - propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

XII - possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos. (BRASIL, 2009, p. 4)

Portanto, é necessário o entendimento da importância das proposições pedagógicas e do brincar, sobretudo por possibilitar que as crianças elaborem e re-elaborem as mais diversas situações com as quais convivem, o que torna esses momentos muito valiosos e enriquecedores para elas, “[...] as crianças criam um microcosmo no macrocosmo, um mundo próprio no mundo dos adultos e, neste espaço criativo, dão nova ordem às coisas, fazem história com o lixo da história.” (Castelo Branco; Corsino, 2020, p.8). Ao brincar transformam criativamente aquilo que vivenciam de formas variadas em diferentes contextos, fazendo a seu modo, a partir de sua perspectiva, de seus interesses e curiosidades, mas também coletivamente, junto a seus pares.

O estudo de Forneiro (1998), publicado no Brasil na década de 1990, contribui para refletirmos sobre dimensões importantes dos ambientes institucionais destinados às crianças de 0 a 6 anos. A autora destaca quatro dimensões a serem consideradas: 1) a dimensão física: que contempla o espaço físico, os materiais dispostos e também toda a estrutura da instituição; 2) a dimensão funcional: que se refere ao modo como esses espaços são utilizados e à diversidade de vivências que podem ser realizadas em um mesmo espaço, assim como aos diversos materiais e suas formas de utilização e flexibilidade de funções; 3) a dimensão temporal: que está vinculada à organização do tempo e, portanto, aos momentos em que os espaços serão utilizados, e também aos diferentes ritmos do grupo de crianças; 4) a dimensão relacional: considera as diferentes relações que se estabelecem no grupo e que estão vinculadas aos diferentes modos de inserir-se no espaço, a forma como interagem, brincam, se comunicam, as regras, a forma como cada um se posiciona, entre outras irão definir como as relações acontecerão em determinado espaço.

Mesmo que pareçam ter um caráter abstrato, essas dimensões existem e podem também ser encontradas separadamente, mas para que um espaço seja considerado um *ambiente* é necessário que estejam relacionadas umas com as outras, ou seja:

[...] o ambiente não é algo estático ou que exista *a priori*. Embora todos os elementos que compõem o ambiente e que reunimos nessas quatro dimensões possam existir independentemente, cada um por si. O ambiente somente existe na inter-ligação de todos eles. Não possui uma existência material, como o espaço físico. O ambiente existe à medida que os elementos que o compõem interagem entre si. Por isso, cada pessoa percebe de uma maneira diferente. (Forneiro, 1998, p.235)

Nessa perspectiva, podemos compreender a importância de conceber os espaços não só na perspectiva de uma infraestrutura de qualidade e de adaptações condizentes com a faixa etária que irá ocupá-lo, mas também considerando a sua intencionalidade, ou seja, um espaço organizado por alguém que está entusiasmado pelas interações que ali irão ocorrer. Daí o papel fundamental dos(as) docentes e da instituição no sentido de ofertar uma estrutura e condições necessárias para o planejamento e organização dos espaços da sala ou exteriores, a fim de proporcionar às crianças, por meio de ações intencionais, as interações com o seus pares, adultos ou sozinha e com os objetos e materiais de seu entorno. (Forneiro, 1998).

O reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos, também provoca a inclusão das perspectivas das crianças, segundo Guimarães (2009) as modificações dos espaços, feitas pelas crianças, podem ser consideradas como uma apropriação que fazem dos mesmos. Um espaço pode ser considerado pequeno ou desconfortável para aqueles que os veem de fora, mas quando as crianças que ali habitam possuem a liberdade e o direito de lhes atribuir significados, reconstruir, recriar, explorar, modificar e diversificá-lo, por meio de suas ideias, desejos, necessidades e os diversos materiais oferecidos a elas, sentem-se parte daquele espaço, criando vínculos afetivos e considerando aquele um lugar seguro e confortável, ou seja, o espaço objetivo torna-se “lugar de...” experiências, relações, criações; torna-se ambiente de vida, a partir das experiências que nele compartilhamos. O espaço é algo projetado, o lugar é construído nas relações. (Guimarães, 2009, p.70).

Assim, de acordo com Guimarães (2009), a organização dos espaços tem influência sobre as relações entre as crianças ou na falta das mesmas, em função disso precisamos pensar constantemente acerca de como este espaço está contribuindo ou não, para que elas interajam entre si e com materiais ali dispostos, comunicando-se, criando narrativas e contextos espaciais diversos. A esse respeito, a autora relata que:

Algumas pesquisas realizadas em instituições de educação na cidade do Rio de Janeiro buscaram investigar como as crianças transformavam espaços em lugares, como meninos e meninas desenvolviam relacionamentos nos espaços. Perceberam que quando se movimentam livremente no espaço, as crianças tendem a formar subgrupos (onde acontecem trocas de objetos, negociações). Pode-se ver fortemente a força narrativa nestas experiências. Espaços e objetos catalisam encontros e favorecem a expressividade. (Guimarães, 2009, p.73)

Mas, é um grande desafio para os educadores, segundo Agostinho (2003), mobilizar-se e pensar sobre como transformar os espaços de sala de referência em ambientes habitáveis para aqueles que estão ali por muitos meses, semanas, dias e horas, e que por vezes não são ambientes arquitetonicamente planejados para atender às necessidades da educação infantil, precisando ser “adaptados” para que aquele espaço torne-se um lugar delas e para elas, como explica a autora:

O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói. Constrói-se a partir do fluir da vida, das relações que ali são travadas e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto, está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído. (Agostinho, 2003, p.1)

Nessa direção, as crianças assumirão o protagonismo ao ressignificar o espaço interno e externo projetado pelo docente e, diferentemente desses, irão produzindo essas transformações por meio das brincadeiras e demais entrosamentos com seus pares e com os adultos. (Malaguzzi, 1999). Um espaço que não sofre qualquer alteração, não pode ser considerado verdadeiramente um lugar habitado por crianças, pois não permitiu que se expressassem, interagissem com o outro e com o lugar, nem que vivessem novas experiências, brincassem e fizessem experimentações, tornando-se um espaço que as estagna, oprime e não impulsiona o seu desenvolvimento, impedindo que vivam suas infâncias em suas múltiplas possibilidades. (Guimarães, 2009)

Nessa perspectiva, ressaltamos a contribuição de Vieira (2018) quando a autora defende a necessidade desses lugares tornarem-se *espaços-ambientes*:

O espaço-ambiente enquanto um âmbito vivo, transcendente, renovado pelos sujeitos que o habitam, se conforma por elementos representativos do processo educativo que ora conjugam os pontos de vista da criança e do adulto ora os confronta. Nesse sentido, a dimensão estética constitui aspecto estruturante para pensar uma didática da educação infantil que inter-relaciona saberes da prática à concretização de sua proposta pedagógica, sustentada por princípios educativos e pela imanência dos processos vividos como ideia de currículo. (Vieira, 2018, p.163)

Masson e Fernandes (2020), amparando-se na teoria histórico-cultural, destacam o(a) professor(a), no seu papel de observador(a) e mediador(a) durante os momentos de interação entre as crianças, pois a partir daí será possível pensar e planejar as próximas vivências, a

modificação dos espaços de aprendizagens a fim de propiciar novas experiências. Isto possibilitará que o(a) educador(a) conheça mais cada criança, como ela se relaciona com as possibilidades oferecidas e quais as significações que ela atribui a esse ambiente e materiais, na sua relação com o outro e consigo mesmo.

Nesse sentido, o espaço precisa provocar as crianças a fazerem as suas construções e significações e “As diversas materialidades com as quais se deparam possibilita a eles que construam diferentes maneiras de colocar-se em relação com o espaço e o transformem em um lugar deles.” (Rodrigues, 2021, p. 3).

A respeito da temática central desta pesquisa, considera-se importante mencionar também a abordagem de “Reggio Emilia”², perspectiva italiana que atribui grande importância aos espaços na educação das crianças de 0 a 6 anos. Conforme Edwards (1999), seu principal inspirador e fundador, Loris Malaguzzi foi um pedagogo e professor italiano que não se deixou levar pelos métodos tradicionais de ensino, empenhando-se em denunciar que não se reconheciam os direitos das crianças e não permitiam a exploração de todas as suas potencialidades, empobrecendo as aprendizagens e reprimindo as crianças. Com a colaboração de outros educadores, pais e membros da comunidade, Malaguzzi constrói um:

[...] método de organização escolar e desenho de ambientes que, tomados como um todo unificado, chamamos de abordagem de Reggio Emilia. [...] As crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as suas “linguagens” naturais ou modos de expressão, incluindo palavras, movimento, desenhos, pinturas, montagens, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações e música. (Edwards; Gandini; Forman *et al*, 1999, p. 21)

Nessa abordagem, o ambiente é considerado “como algo que educa a criança; na verdade, ele é considerado o “terceiro educador”, juntamente com a equipe de dois professores.” (Gandini, 1999, p. 157). Sendo assim, para essa abordagem o espaço e os materiais são elementos principais para promover as interações e explorações das crianças,

² Desde o final do século XIX a Itália possibilita reflexões sobre a infância e sobre a educação de crianças pequenas. No início do século XX podemos citar as contribuições das irmãs Agazzi e Maria Montessori, Mario Mencarelli e Bruno Ciari; a partir dos anos 50 a Escola de Barbiana; nos anos 60, ao lado dos sindicatos, das feministas e dos comunistas na administração municipal, a pedagogia, a política e a pesquisa em Reggio Emilia, coordenada por Loris Malaguzzi, se destaca ao lado de outras cidades no norte da Itália tais como Pistóia, Parma, Bologna, Capri, Modena entre outras. (Finco; Barbosa; Faria *et al*, 2015)

sendo necessário em virtude disso que esteja propício à mudanças, seja flexível, pois as modificações irão acontecer frequentemente.

Destaca-se que a dimensão estética nas instituições do município de Reggio Emilia é muito valorizada e as produções artísticas, principalmente aquelas produzidas pelas crianças com o auxílio dos professores, são espalhadas por toda a instituição, no teto, nas paredes, no chão, dentro e fora da sala de aula, no jardim e espaços comuns:

Com esses princípios em mente, descobrimos muitos modos de tornar o espaço mais do que apenas um local útil e seguro onde podemos passar horas ativas. Em vez disso, criaram espaços em suas creches e pré-escolas que refletem sua cultura e as histórias de cada centro em particular. Esses espaços tendem a ser agradáveis e acolhedores, contando muito sobre os projetos e as atividades, sobre as rotinas diárias e sobre as pessoas grandes e pequenas que fazem da complexa interação que ocorre ali algo significativo e alegre. (Gandini, 1999, p. 147)

Isso possibilita também um sentimento de acolhimento, à medida que os espaços e materiais contribuem para que as pessoas – crianças e adultos – sintam-se valorizados e acolhidos pelo ambiente.

Forneiro (1998) também colabora com essas ideias sobre os materiais a serem organizados e oferecidos às crianças na sala de referência, e com isso destaca que existem alguns elementos que condicionam a organização dos espaços, podendo ser uma organização que irá potencializar as aprendizagens ou dificultá-las, e ter consciência de quais são esses condicionantes e como podemos fazer para equilibrá-los e melhorá-los é essencial para o percurso a ser feito. (Forneiro, 1998, p.242). Nesse sentido, a autora ressalta que a variedade de materiais é um importante aspecto a ser considerado:

A variedade de materiais está relacionada com a sua capacidade para estimular, “provocar” um determinado tipo de atividades. Normalmente os materiais condicionam muito, já que as crianças costumam usá-los de um modo muito diversificado. É frequente observar como blocos lógicos e até as régua transformam-se em caminhos e estradas ou material de carga. De qualquer forma, a professora deve saber que a forma como preenche o espaço de materiais e o tipo de materiais que deixa à disposição das crianças irá condicionar as iniciativas das mesmas. (Forneiro, 1998, p. 248)

Uma pesquisa, realizada por Tizuko Kishimoto (2001) no Brasil, apresenta aspectos importantes relacionados ao objeto desta pesquisa. Realizada em treze escolas municipais de

educação infantil de São Paulo, a investigação teve como objetivo analisar os tipos de materiais, brinquedos e espaços em que os objetos eram disponibilizados às crianças, constatando nas instituições pesquisadas uma supervalorização de atividades dirigidas a partir da oferta de materiais e jogos pedagógicos, cuja intencionalidade era a aprendizagem de conteúdos, principalmente de Matemática e Língua Portuguesa. Por outro lado, foi identificada uma carência de brinquedos e materiais que possibilitassem às crianças explorações, construções simbólicas diversificadas, interações entre seus pares e com os adultos, enquanto brincavam e manipulavam livremente esses objetos que eram ofertados, sendo esses limitados a espaços como o parque escolar ou outras áreas externas à sala.

Destacamos também as contribuições de Goldschmied e Jackson (2006)³ pelo fato das autoras defenderem o brincar como uma atividade exploratória espontânea com objetos e materiais diversificados em diferentes etapas da infância (Goldschmied; Jackson, 2006, p.148). Ao sugerir duas abordagens, o Cesto de Tesouros (para os bebês) e o Brincar Heurístico (a partir dos 2 anos de idade) as autoras enfatizam a importância da organização do espaço e dos objetos a serem disponibilizados pelo(a) professor(a), bem como orientam o(a) docente a assumir, durante a ação de brincar, a posição de um observador atento, que está ali para que as crianças sintam-se seguras durante as interações, não interferindo ou direcionando as brincadeiras e manipulações dos bebês e das crianças pequenas com os materiais. O Cesto dos Tesouros, como citado anteriormente é recomendado para bebês, que já conseguem ficar sentados seja com o auxílio de uma almofada ou outro suporte que o sustente ou mesmo sozinhos, pois este é um momento em que o bebê está sentindo-se animado e ansioso para as novas descobertas que é capaz de fazer.

O cesto de tesouros reúne e oferece um foco para uma rica variedade de objetos cotidianos, escolhidos para oferecer estímulos a esses diferentes sentidos. O uso do Cesto de Tesouros consiste em uma maneira de assegurar a riqueza das experiências do bebê em um momento em que o cérebro está pronto para receber, fazer conexões e assim utilizar essas informações. (Goldschmied; Jackson, 2006, p.114)

³ A obra “Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche” é publicada na Inglaterra na década de 1990, nela as autoras ressaltam a influência da Educação Infantil italiana (mais especificamente do município de Reggio Emilia) sobre a Educação Infantil britânica nesse período, embora com modificações. A organização dos espaços para as crianças pequenas é destacada por Goldschmied e Jackson (2006) ao discutir a importância dos elementos disponíveis nos espaços para os grupos e as possíveis formas de ofertá-los no cotidiano institucional.

Os materiais disponibilizados no cesto são objetos do cotidiano dos bebês, como elementos naturais (caroços secos de frutas, frutas, esponjas vegetais), utensílios domésticos e outros materiais que possuem em suas residências, mas muitas vezes são privados de manipular, como por exemplo um molho de chaves, uma colher, um pote com diferentes tamanhos e texturas e etc. Esses objetos não irão oferecer riscos à segurança e à saúde dos bebês, já que a ideia é permitir que a criança manipule livremente o objeto e utilize de todos os seus sentidos, se for de sua vontade. É importante também que ocorra sempre modificações nos itens que compõem o cesto, para que as crianças sintam-se sempre estimuladas e motivadas a explorar esses elementos. (Goldschmied; Jackson, 2006, p.117).

O Brincar Heurístico com objetos é recomendado para as crianças bem pequenas a partir dos dois anos de idade que já possuem condições para se locomover, expressar-se, mas que precisam de ações que irão ampliar a sua mobilidade. Tal atividade é caracterizada por “[...] oferecer a um grupo de crianças, por um determinado período e um ambiente controlado, uma grande quantidade de tipos diferentes de objetos e receptáculos, com os quais elas brincam livremente e sem a intervenção de um adulto.”(Goldschmied; Jackson, 2006, p.147). Heurístico vem da palavra grega *eurisko* e significa algo que serve para descobrir ou alcançar a compreensão de algo (Goldschmied; Jackson, 2006, p.148), justamente a intencionalidade que deverá orientar a organização do espaço pelo(a) docente para que o Brincar Heurístico aconteça, visando explorações e descobertas. O que posso fazer? Que interações? O que determinado objeto poderá proporcionar durante a sua manipulação? Essas são algumas curiosidades que a criança terá ao brincar com os objetos e que poderá ir respondendo ao longo das experiências, provando mais uma vez que o espaço, tempo e os materiais ofertados são essenciais como provocadores, educadores e impulsionadores desses processos.

Vale ressaltar alguns requisitos para a experiência do Brincar Heurístico, apesar de não haver uma forma única de organizá-lo e ser possível que cada professor(a) faça as suas adaptações. De acordo com as autoras, é necessário que os objetos apareçam em grande variedade, pelo menos 15 de cada tipo e em grande quantidade para que todas as crianças possam brincar sem grandes problemas, como por exemplo: Rolos para cabelo, pedaços de madeira com diferentes formatos, potes de diferentes diâmetros e alturas, tampas, carretel de linha, cones, bolas de diferentes tamanhos, cilindros de papelão, CDs, bambu, sementes, pedras de tamanhos, cores e texturas variadas, entre outros (Goldschmied; Jackson, 2006). Nesse sentido, o(a) professor(a) deve prezar pela criatividade e abrangência das múltiplas linguagens durante as interações que irão acontecer a partir do espaço e dos materiais

dispostos, e também pela segurança das crianças durante a seleção dos materiais. Ao observar as brincadeiras o(a) professor(a) irá perceber as preferências, o que será de grande valia para próximas escolhas de objetos.

Souza e Tebet (2021), em um artigo sobre linguagens e materialidades na arte contemporânea e na educação infantil, discutem sobre materialidades a partir do campo da Arte. Embasando-se em algumas reflexões de Pareyson (2001) afirmam que “[...] criança e artista estabelecem uma relação com o material de apropriação na intenção de investigar, experimentar, criar e recriar.” (Souza; Tebet, 2021, p.6). Permeando esse processo, salientam a visão de multiplicidade:

A palavra multiplicidade permeia a filosofia Reggiana quando conhecemos sua historicidade que perpassa desde a sua construção (múltiplos materiais, resgate), múltiplas pesquisas (autores e experiências diversas), múltiplas formas do adulto enxergar a criança deixando de ser diretivos nas ações e se tornarem aprendizes junto com as crianças que desenvolvem nesse contexto as múltiplas linguagens. Sendo assim, quando falamos sobre essa multiplicidade, destacamos as múltiplas maneiras que as crianças se expressam, se comunicam e se manifestam, sendo elas de múltiplas formas. (Souza; Tebet, 2021, p.4)

A analogia entre crianças e artistas, pode ser melhor compreendida se relacionarmos essa mesma visão às experiências enriquecedoras que a criança tem com os objetos que não possuem uma função estritamente definida e imutável, mas que possibilita uma expansão e ressignificação da sua função, podendo ser o que ela quiser por meio da imaginação e criatividade. (Souza; Tebet, 2021)

Reconhecendo o espírito lúdico das crianças, Souza e Tebet (2021) afirmam que podemos beneficiar as crianças com a arte contemporânea, oferecendo-lhes materialidades não convencionais, e por muitas vezes consideradas inusitadas aos olhos daqueles que ainda não compreendem a importância de uma pedagogia da infância que dá condições, que oferta os materiais necessários para que as indagações surjam e delas as experiências, com a intencionalidade de formar seres autônomos, investigadores, pesquisadores, curiosos, criativos, ativos e capazes de expressar-se utilizando-se das mais variadas linguagens e buscando possibilidades que vão além das que lhe são apresentadas.

[...] o artista olha o material inicialmente com um olhar externo e vai escavando outras experiências em busca de um olhar mais interno e no caso da criança o

material também se transforma, reverbera em um olhar além do que o material propõe e resulta em brincadeiras, e as mais diversas possibilidades. (Souza; Tebet, 2021, p.6)

O termo materialidades é compreendido como uma expansão daquilo que chamamos de materiais e que pode ser entendido como materiais escolares e de uso convencional nas instituições, porém, as materialidades estão além do instrumento em si “ [...] a materialidade é toda potência da matéria e o que ela provoca na criança e sua exploração que vai além dos materiais usuais que as escolas historicamente propõe (lápiz de cor, giz de cera, sulfite, cartolina, etc).”(Souza; Tebet, 2021, p.6), sendo assim as materialidades são capazes de instigar a criança à exploração, descobrindo novas formas de explorar um mesmo objeto e os diferentes significados que poderão ser atribuídos a eles, através das suas próprias vivências e experimentações.

A materialidade não só carrega informações sobre o material (como ele é em seu cotidiano), mas quais as propriedades ele reverbera para a investigação e exploração da criança como por exemplo, a propriedade, temperatura, as cores, formas e dimensões e isso tudo contribuirá para o diálogo e experiência da criança frente ao material. (Souza; Tebet, 2021, p.6)

Ostrower *apud* Souza e Tebet (1995, p. 8) afirma que “[...] cada materialidade abrange inicialmente certas possibilidades de ação e também carrega as impossibilidades”.

Para Angélica Taschetto (2021), a infância não é pensada na perspectiva da linearidade, como uma receita ou algo que possui um manual de instruções, com início, meio e fim, todos já previstos e imutáveis. A infância é feita de incertezas, possibilidades, impossibilidades, descobertas e invenções, como as invenções do brincar nas quais as crianças se permitem fazer sem medo, apenas vivem e fazem. Pensar a oferta de materiais e materialidades nas infâncias como instrumentos que possibilitarão às crianças uma infinidade de possibilidades de criação e recriação, segundo a autora, é não só preocupar-se com os materiais que serão dispostos mas também com a estética:

[...] as produções das crianças sempre nos escapam. Os diferentes usos e combinações inventadas dos materiais conferem às suas produções uma materialidade distinta, porque essa não se trata somente de algo físico ou tátil, mas de uma conjunção dos elementos simbólicos e subjetivos que a (de)formam. Então, quando a criança explora e cria seus próprios fluxos com o material,

também (re)constrói e (re)configura o próprio material. (Tasquetto, 2021, p. 818)

Nesse sentido, não basta somente ofertar, mas oferecer condições, instigar e motivar para que a experimentação aconteça de forma satisfatória. “A docência nômade se faz pelo meio, na linha, não nos pontos.” diz Tasquetto (2021, p. 828), ou seja, há a necessidade de um olhar para além daquilo que é considerado “resultado final”, que valorize todo o processo que foi feito até chegar a ele, o meio.

A arte e a infância tem uma ligação inquestionável, principalmente a arte contemporânea, em que podemos perceber uma maior abertura para o uso da criatividade e da criação. Cunha (2005, p. 98) afirma que “as crianças e a arte contemporânea experimentam, recriam e nos possibilitam recriar outros olhares sobre o mundo”, através da experimentação e das condições dessas experiências as crianças inventam e nos provocam a olhar com outros olhos para determinadas situações, objetos, brincadeiras e etc.

Susana Rangel, ao participar de uma *live*⁴, num determinado trecho diz o seguinte sobre a escolha dos materiais e a sua apresentação para as crianças: “Não basta apenas ter o melhor material, é necessário ter ideais e saber utilizá-lo, pois ele é o meio de uma ideia e de uma ação” (Cunha, 2021)

Corroborando tal perspectiva, Santos e Carvalho afirmam que:

[...] um trabalho em diálogo com a arte contemporânea na Educação Infantil implica pensarmos a partir da abertura de sentidos e não da delimitação. Ou seja, possibilita pensarmos na promoção do questionamento e da participação de todas as crianças envolvidas. (Santos; Carvalho, 2021, p. 5)

A arte contemporânea pode nos auxiliar a construir um olhar considerando outras perspectivas para o espaço da educação infantil, a fim de recriarmos esses espaços e a oferta de materiais, possibilitando novas experiências às crianças, que com certeza irão gerar memórias ricas e vários significados, como citado por Barbieri (2022):

A arte contemporânea tem muito a nos ensinar sobre como lidar com a contemporaneidade, para perceber caminhos de diálogo e, ao mesmo tempo, caminhos para o devaneio, que nos levem a outras possibilidades de ações, outros modos de olhar para as questões contemporâneas e poder solucioná-las de maneiras inusitadas. (Barbieri, 2022, p. 25)

⁴ Link para acesso à live: https://www.youtube.com/watch?v=dV9scqO_5_8&t=9s

A oferta de materiais e materialidades nas infâncias deve ser pensada não apenas como instrumento, mas também considerando a estética e as relações com a arte, proporcionando condições e impulsionando a experimentação. Nesse contexto, a arte contemporânea desempenha um papel fundamental, permitindo a abertura para a criação, provocando novos olhares sobre o mundo e incentivando questionamentos e a participação das crianças, usando de objetos comuns como por exemplo: Sabugo de milho, carvão, ossos, tecidos, madeira, pedras, sementes, borrachas, entre outros. Objetos comuns que podem ser transformados, pensados, construídos em novas narrativas, modificados em suas diversas formas e indo além daquilo que já se viu, buscando as experimentações e possibilidades. “Se a gente não mudar o jeito de pensar, não conseguimos ir além...” (Cunha, 2021).

3 ENTRE DÚVIDAS E DESCOBERTAS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Lima e Miotto (2007), faz-se necessário relatar o caminho metodológico que a pesquisa percorrerá, no entanto descrever os métodos e os processos utilizados na pesquisa bibliográfica não é tão fácil quanto parece. Muitas vezes essa modalidade de pesquisa é confundida com uma revisão de literatura, porém, é importante que se entenda a diferença entre ambas. A pesquisa bibliográfica diferencia-se da revisão de literatura por consistir em vários procedimentos que irão chegar a uma solução, mesmo que temporária, pois não se trata de uma solução imodificável que se tem sobre o objeto de estudo pesquisado, enquanto a revisão de literatura é somente um dos procedimentos que será utilizado pelo pesquisador nessa busca.

Não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. (Lima; Miotto, 2007, p. 38)

A presente pesquisa, portanto, consiste numa pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico cuja aproximação ao objeto será dada a partir de fontes bibliográficas (Lima; Miotto, 2007, p. 40), perspectivando analisar e refletir criticamente sobre estudos e pesquisas

que tratam sobre objetos/materiais ofertados às crianças de 0 a 6 anos de idade em contextos de educação infantil.

Assim sendo, realizaram-se buscas em bases de dados em português. A busca dos artigos foi realizada em três plataformas, sendo elas: o Portal Scielo, a Ferramenta Google acadêmico e Portal de periódicos da CAPES, tendo como recorte temporal o período dos últimos cinco anos (2018-2022).

Os descritores utilizados foram: Educação infantil; Materiais; Materialidades; Espaços; Ambientes; Arte. Buscou-se esses descritores nas palavras-chave dos artigos, mas também no título e no resumo. Incluíram-se artigos que possibilitassem aproximações aos debates e significações sobre objetos/materiais e materialidades oferecidos às crianças nos espaços de instituições de educação infantil, excluindo-se artigos que não trataram desses aspectos.

Em relação à busca de artigos, inicialmente, encontraram-se 21 artigos, distribuídos da seguinte forma: nove artigos no Google acadêmico, um artigo no portal Scielo, 11 artigos no Portal de periódicos da CAPES. Descartando os artigos que citam os descritores mas após uma leitura na íntegra não se alinham com o tema/objetivo da pesquisa ou que não são na língua portuguesa, foram analisados oito artigos ao todo, quatro artigos da plataforma Google acadêmico e quatro artigos da plataforma Portal de periódicos da CAPES, alguns desses artigos se repetiram em ambas as plataformas.

Quadro 1: Artigos localizados no Google acadêmico

Ano, modalidade do trabalho	Autor, Título do trabalho e periódico/instituição	Link de acesso	Palavras-chave
2021, Artigo	SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. As crianças e suas performances em contextos de instalações de jogo : diálogos entre educação infantil e arte contemporânea. Universidade Federal do Rio Grande do Sul	https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/226050	Educação Infantil. Arte Contemporânea. Performance
2021,	CUNHA, Susana Rangel Vieira da.	https://revistas.uepg.br/in	Materiais;

Artigo	Materiais da/de Arte para as crianças. Revista Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-25.	dex.php/olhardeprofessor/article/view/17695/209209214204	Educação Infantil; Arte Contemporânea.
2021, Artigo	RIBEIRO, Cássia Calandrini. O direito ao uso das mãos: explorando materiais na Educação Infantil. Revista Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2. n. 3. p. 1-9. .	https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6749	Educação Infantil; Espaços; Contextos; Materiais; Exploração.
2022, Artigo	PASSOS, Amanda Silveira dos. Materialidades disponíveis para crianças bem pequenas na educação infantil do município de treze de maio. Repositório Universitário da Ânima (RUNA).	https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/26421	Materialidades. Crianças bem pequenas. Planejamento.

Fonte: Acervo: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

Quadro 2: Artigos localizados no Portal de Periódicos da CAPES

Ano, modalidade do trabalho	Autor, Título do autor(a) do trabalho e periódico/instituição	Link de acesso	Palavras-chave
2019, Artigo.	FELDMAN, Marina; BERTOLETTI, Andréa. VIVENCIAR A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Revista Poiesis Pedagógica, Catalão-GO, v. 17, 97-110.	https://gmepae.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Artigo-Vivenciar-a-arte-Andrea-Bertoletti.pdf	Educação Infantil; Arte; Arte-Educação; Educação da Criança.
2019, Artigo.	DOS SANTOS, Nathalia Scheuermann; DE CARVALHO, Rodrigo Saballa. Arquiteturas efêmeras de jogo e Educação Infantil: diálogos com a Arte Contemporânea. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 5, n. 3.	https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/16161/11111	Educação infantil; Arquiteturas de jogo; Instalações; Pesquisa com crianças. Arte contemporânea.

2019, Artigo.	SILVA, Andréia Haudt da. EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENHADAS PELA ARTE. Revista Interinstitucional Artes de Educar, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 525–550,	https://www.e-publicacoes.uerj.br/riac/article/view/45781/31553	Arte; Educação Infantil; Experiências Estéticas; Formação Docente.
2021, Artigo.	OLIVEIRA, Fernanda Ferreira de; SILVA, Peterson Rigato da. Arquiteturas do Brincar: cabanas encantadas. Revista Digital Do LAV, 14(2), 173–186. Universidade Federal de Santa Maria.	https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/65524/pdf	Educação infantil. Arte. estética.

Fonte: Acervo: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/>

Durante o percurso metodológico desta pesquisa, os passos para a seleção dos artigos revelaram-se um desafio complexo. Inicialmente, uma busca ampla nos portais acadêmicos apresentou um leque de artigos que, como citado anteriormente, chegou a 21 artigos, dentre os quais, embora aparentemente correlatos aos descritores, 13 não atendiam às expectativas do estudo. O desejo de encontrar material específico sobre objetos, materiais e materialidades na educação infantil foi confrontada com discussões diferentes da imaginada em grande parte dos artigos escolhidos inicialmente, às vezes desconexas em relação ao escopo desta pesquisa. Essa etapa inicial, foi fundamental para redefinir os critérios de seleção e refinar a busca por estudos que dialogassem diretamente com os objetivos propostos.

A seleção demandou não apenas o mapeamento de descritores, mas também a leitura minuciosa dos resumos e conteúdos completos dos artigos para verificar se realmente tratavam das temáticas e propósitos da pesquisa. Alguns artigos, embora promissores à primeira vista, revelaram-se tangenciais ou fora do escopo pretendido após a sua leitura na íntegra. Os objetivos delineados no início da pesquisa serviram como guias para a seleção dos trabalhos, mas a flexibilidade foi fundamental. Abrir espaço para contribuições inesperadas e enriquecedoras foi parte integrante desse processo, permitindo uma visão mais abrangente e interdisciplinar sobre a temática em questão.

Em suma, esse percurso metodológico não se restringiu ao que delineamos inicialmente na pesquisa, mas proporcionou uma jornada rica em aprendizagens e descobertas, que culminou na seleção cuidadosa de oito artigos. Esse processo não apenas refletiu as escolhas metodológicas, mas também evidenciou a importância da abertura para explorar caminhos além dos esperados.

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, a discussão de seus achados se concentrará na análise e reflexão crítica sobre os estudos e pesquisas que abordam objetos, materiais, materialidades oferecidos a crianças de 0 a 6 anos em contextos de educação infantil. Portanto, ao longo da discussão serão exploradas as contribuições e insights oferecidos pela produção teórica analisada existente, buscando uma compreensão mais aprofundada das questões relacionadas aos objetos/materiais/materialidades na educação infantil, e às possíveis formas como esses elementos influenciam o processo educativo-pedagógico nesses contextos.

4 MATERIAIS, ARTE E A AMPLIAÇÃO DE PERSPECTIVAS PARA AS PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

Para que o direito à brincadeira, às interações e explorações se concretizem e sejam potencializadas em instituições educativas onde crianças encontram-se diariamente, a oferta de ambientes e materiais propícios, instigantes e diversificados é indispensável. Espaços e materiais que, conforme explicitam e justificam muitos dos artigos analisados, forneçam condições para que as crianças se constituam como sujeitos ativos, autônomos e criativos nesses ambientes intencionalmente projetados *para* elas e *com* elas. Sendo assim, a variedade de materiais disponibilizados nas instituições de educação infantil revela-se um elemento crucial na promoção de experiências, aprendizagens diversas e desenvolvimento integral das crianças (Cunha, 2021; Ribeiro, 2021; Silveira e Goulart, 2022; Feldman e Bertolotti, 2019). A diversidade de materiais, indo além dos convencionais e incluindo os não convencionais, oferece às crianças oportunidades únicas de exploração e expressão criativa (Cunha, 2021, p.6). Os autores, e em especial Cunha, destaca que a arte contemporânea frequentemente utiliza materiais não tradicionais, desafiando assim as concepções tradicionais de arte.

Atualmente, nas exposições de Arte Contemporânea, há uma infinidade de materiais de uso cotidiano compondo as obras: prendedores de roupas, lupas, brinquedos infantis, objetos decorativos e utilitários, absorventes íntimos, panelas, guardanapos, fumaça, gelo, nuvens, fuligem, cera depilatória, roupas, cabelos, sapatos, sal, água, revistas, jornais, livros, TVs, rádios, projetores, motores, etiquetas, sacolas, malas,

pentas, escovas de cabelo, armários, talheres, pratos, troncos, árvores, grãos, folhas, pedras, tijolos, entre tantos outros objetos e materiais passam a ser a “matéria prima” da Arte. (Cunha, 2021, p.5)

Portanto, a oferta de materiais diversos nas instituições de educação infantil pode ser vista como uma forma de sintonizar a educação infantil com as práticas artísticas mais atuais, capacitando as crianças a explorarem materiais cotidianos de uma maneira inovadora, criativa, exploradora e crítica, dando inúmeros novos significados a um material e podendo haver variações a depender da criança que estiver brincando e ressignificando esse objeto.

A oferta de materialidades para as crianças com a intenção de expandir a sua criatividade durante as experimentações e a possibilidade, ou não, de criações e recriações, segundo corroboram as autoras Souza e Tebet (2021), citadas inicialmente, constituem-se num elemento fundamental para o desenvolvimento da criatividade e da autonomia das crianças. Proporcionar um ambiente rico em materiais e experiências artísticas é uma forma de estimular a curiosidade, a imaginação e a expressão das crianças, permitindo que elas sejam criativas e autênticas em seus processos de criação. (Souza; Tebet, 2021, p.8)

No entanto, cabe ressaltar que a criação de ambientes ricos em materiais e intencionalmente planejados requer um investimento de tempo e recursos, bem como formação adequada para os educadores. Isso pode ser um desafio em muitas instituições, especialmente em contextos empobrecidos e desiguais em termos socioeconômicos e, conseqüentemente, com recursos limitados, como encontrado em um dos artigos analisados, intitulado “Materialidades disponíveis para crianças bem pequenas na educação infantil do município Treze de Maio”, escrito por Amanda dos Passos Silveira e Mariléia Mendes Goulart (2022), cujo foco principal direcionou-se aos ambientes e as materialidades disponíveis para as crianças bem pequenas. A pesquisa começou com a observação da organização e disposição dos materiais nas salas de referência da educação infantil e, após uma entrevista com as professoras regentes, pode-se constatar que a instituição enfrentava desafios por conta da insuficiência de materiais convencionais e não convencionais, sendo constituída em sua grande maioria ou somente de materiais industrializados.

Na pesquisa realizada em salas de educação infantil deste município, foi observada uma predominância de materiais industrializados, com pouca variedade de materiais alternativos disponíveis para as crianças. Por exemplo, apenas uma das salas possuía brinquedos não industrializados, e os mesmos eram compartilhados entre todas as turmas,

enquanto as demais dependiam principalmente de brinquedos convencionais, como carrinhos e bonecas. A disponibilização de objetos que tradicionalmente se fazem presentes nos contextos de vida das crianças aliado à escassez de materiais pode limitar as oportunidades de exploração criativa, podendo restringir o real potencial de experiências, aprendizagens e desenvolvimento das crianças, evidenciando a necessidade urgente de garantir equidade e acesso igualitário a recursos públicos para a aquisição de materiais diversificados para todas as crianças nas instituições, independentemente da localização ou condições financeiras dos municípios. Constatando assim que, é essencial um compromisso contínuo e o apoio do poder público para superar esses desafios e garantir um ambiente propício para o desenvolvimento pleno das crianças na educação infantil.

Essa mesma pesquisa também sugere que a formação continuada dos educadores é fundamental para melhorar a disponibilização e organização dos materiais nas instituições de educação infantil, considerando que a forma como os materiais são disponibilizados reflete as concepções dos docentes sobre crianças, educação e aprendizagens na educação infantil. Horn *apud* Silveira e Goulart (2004, p.8) “[...] na educação infantil, é fundamental partirmos do entendimento de que o espaço é parte integrante da ação pedagógica e não pode ser visto como um pano de fundo.”

Além disso, o planejamento e organização cuidadosa e intencional dos espaços pelas educadoras são fundamentais para promover a interação ativa das crianças com os materiais, como citado por Edwards, Gandini e Forman (2016, p. 316):

Tudo é cuidadosamente escolhido e disponibilizado com a intenção de criar comunicação, assim como trocas e interações entre pessoas e coisas em uma rede de possíveis conexões e construções. Esse processo envolve todos em diálogo e oferece ferramentas, materiais e estratégias conectadas com a organização do espaço para estender ou relançar essas ideias, combiná-las ou transformá-las.

Sendo assim, as professoras desempenham um papel vital na criação de ambientes que favorecem a ampliação e a diversificação de saberes e aprendizagens diversas, no âmbito de experiências que atravessam, afetam, inspiram e incentivam a exploração autônoma das crianças, isso requer dispor os materiais de forma intencional para permitir que as crianças experimentem diferentes combinações e junções entre materiais diversos, alternando entre momentos em que ocorrem mediações e interações mais diretas por parte da(o) docente e outros em que as crianças interagem entre si e com os materiais, a partir de seus saberes,

curiosidades e desejos. E, para melhor exemplificar ambas as situações, gostaria de destacar dois trechos de experiências relatadas num dos artigos analisados, intitulado “O direito ao uso das mãos: explorando materiais na educação infantil” de autoria de Cássia Calandrini Ribeiro (2021). O artigo enfatiza a importância da experiência artística na educação infantil, ressaltando a relevância dos materiais, do ambiente educativo e do papel do professor e a importância das crianças criarem, fruírem e refletirem sobre a arte, enquanto os professores proporcionam experiências ricas e diversificadas, promovendo aprendizagens significativas. Os trechos a seguir, exemplificam a intencionalidade docente com o real intuito de fornecer pistas e oportunidades para exploração, sem impor ações específicas. O primeiro trecho narra a seguinte situação:

Observei que as lixas estavam todas espalhadas e ninguém as utilizava, logo, peguei uma lixa e comecei a lixar uma madeira, uma menina (I.) me observou por algum tempo, depois recolheu o material e foi fazer o mesmo.(Ribeiro, 2021,p.5)

Na situação mencionada, a professora percebeu que as lixas não haviam despertado a atenção das crianças, e passou a desenvolver uma ação com a lixa. Nesse caso, a observação é seguida de uma atitude que visa provocar as crianças a observarem e interagirem com o material. Uma menina observa essa ação e começa a imitá-la, iniciando seu próprio processo de exploração, demonstrando a importância de instigar as crianças a realizar experiências com materiais diversos que a princípio, por razões diversas, podem não atrair o seu olhar e o desejo de experimentar novas experiências.

O próximo trecho descreve uma situação relacionada à interação de um menino com os objetos disponibilizados:

Caminhando entre as crianças e observando o que faziam, quais estratégias utilizavam ou o que estavam tentando construir, percebi um menino (D.) que encaixou a serrinha no meio da madeira e começou a martelar na tentativa de serrar a madeira ao meio. Foi possível perceber uma relação da criança com o material que pode ter surgido de uma experiência anterior ou da própria experimentação das possibilidades proporcionadas pelo material ofertado. (Ribeiro, 2021,p.4)

O olhar atento da professora às ações das crianças, permitiu acompanhar o menino utilizando a serrinha de forma a exploratória, investigativa, criativa e inovadora, tentando

serrar a madeira ao meio. Essa situação dá visibilidade às ações sociais das crianças, nas quais elas imitam, criam, experimentam e exploram as possibilidades dos materiais a partir de seus saberes e vivências, sem que ocorra necessariamente uma intervenção direta do adulto. Essa iniciativa evidencia como as crianças são capazes de experimentar, criar e explorar por conta própria, baseando-se em suas experiências anteriores ou na curiosidade diante do material oferecido. Segundo Rodrigues (2021), ações como essa demonstram formas de possibilitar às crianças o desenvolvimento de sua autonomia, já que em nenhum momento a professora mostrou ou determinou como fazer, enquanto professores precisamos nos tornar observadores, mediadores e criadores/provocadores de situações que instiguem suas potencialidades. Portanto, há uma dinâmica interessante entre a intencionalidade docente, que oferece pistas e oportunidades para a exploração, e a criação das crianças por si mesmas, que se manifesta através da iniciativa e da autonomia. Ambos os aspectos são importantes na construção do ambiente educacional.

Vale ressaltar que, por meio desses relatos, também é possível refletir sobre a formação inicial e continuada dos(as) profissionais de educação infantil, que necessita incorporar uma visão mais ampla e sensível, proporcionando experiências que permitam aos futuros professores(as) explorar as diferentes linguagens, materiais e possibilidades. Isso inclui vivenciar experiências práticas em sua formação, como desenhar, experimentar diversos materiais e linguagens artísticas, investigar suas potencialidades e compreender como podem ser oferecidos para promover as aprendizagens das crianças. A ausência dessa vivência teórico-prática pode limitar a capacidade dos professores(as) de oferecer experiências enriquecedoras às crianças. A formação docente deve ir além do tradicional, deve ser baseada na escuta sensível das crianças, permitindo a construção de um ambiente propício à exploração, à curiosidade e à expressão criativa.

De forma a colaborar com essa discussão, merece destaque o artigo de Silva e Zamperetti (2019), que explora a relevância da arte na formação estética das crianças na educação infantil. A pergunta central da pesquisa revela a intenção de investigar "Que espaços e tempos são promovidos pelos professores de educação infantil para favorecer a ocorrência de experiências estéticas no cotidiano das crianças?". Nesse sentido, o objetivo principal foi analisar e questionar as práticas docentes dos professores de educação infantil na promoção de experiências estéticas em uma instituição em Pelotas -RS, que tem como principal diferencial apresentar uma proposta de educação conectada às artes.

No processo da pesquisa, ao serem entrevistadas, as docentes relataram dificuldades e disseram sentir-se despreparadas para desenvolver propostas pedagógicas que envolvam as linguagens artísticas. As autoras atribuem tal dificuldade à falta de condições de trabalho, à formação acadêmica e à formação continuada dos(as) docentes, que não fornecem subsídios adequados para a integração da arte, ou de outras especializações, no ambiente educacional.

A realização das entrevistas foi uma das últimas etapas da pesquisa. Então foi possível ter claro que as professoras reconhecem que, para privilegiarem tempos e espaços aptos a promover experiências estéticas, necessitam de condições de trabalho e formação que lhes facilitem acesso ao estudo de suas práticas pedagógicas. A vontade de conhecer e saber mais a respeito do tema foi muito evidente, tanto nas falas, quanto nas ações, mas segundo minhas observações e percepção das professoras, falta tempo para especialização, troca de conhecimentos entre os professores da escola, falta conhecimento específico durante a formação e conhecimento durante a prática da docência. Por tudo isso, percebemos a necessidade de uma configuração política e educacional que olhe para a formação e vida dos professores, garantindo-lhes melhores salários, acesso a espetáculos, museus, cinemas, uma formação que privilegie tempos e espaços para que eles se expressem e ouçam os próprios sentimentos, anseios e aflições, para que exerçam a prática de um saber sensível com a própria vida e com a vida do outro, o colega, a criança. (Silva; Zamperetti, 2019, p.548)

Atualmente, muitas propostas curriculares dos cursos de Pedagogia carecem de uma abordagem investigativa em relação à prática pedagógica, dificultando que professores(as) possam construir um repertório de experiências e estudos aprofundados que promovam o desenvolvimento integral das crianças na educação infantil. Isso impacta diretamente na capacidade de criar ambientes educativos diversos e ricos em materialidades que provoquem a ampliação da curiosidade, das experiências e das aprendizagens das crianças.

Destacam-se também as contribuições dos artigos analisados como os de Feldman e Bertoletti (2019), Santos e Carvalho (2019), Cunha (2021), Santos (2021), Silveira e Goulart (2022), que trazem experiências/vivências ou sugestões da incorporação da arte, principalmente da arte contemporânea, na escolha de materiais na educação infantil. Na condição de futura pedagoga, considerando o questionamento inicial que motivou esta pesquisa, os achados desses(as) pesquisadores(as) me inspiram a repensar as variedades e possibilidades de escolha materiais, bem como as possíveis formas de inseri-los nas proposições pedagógicas a fim de promover experiências educativa ricas e significativas para as crianças. Como podemos nos inspirar nas práticas da Arte e da Arte Contemporânea ao

selecionar materiais para vivências com as crianças? Segundo Nathalia Scheuermann dos Santos (2021), que em sua pesquisa “As crianças e suas performances em contextos de instalações de jogo: diálogos entre educação infantil e Arte Contemporânea” traz diversas contribuições sobre a importância dos materiais na educação infantil e como as crianças os utilizam para criar novos significados inspirando-se nas instalações de arte contemporânea,

[...] entendemos que a arte possibilita com que as crianças ressignifiquem objetos cotidianos e configurem os espaços a partir de outras perspectivas. Diante do exposto, consideramos importante, compartilhar o modo como compreendemos a arte contemporânea no contexto de nosso trabalho. Assim, concordamos com Cunha (2017b) quando a autora aponta que são características da arte da contemporaneidade, a tendência à ruptura das fronteiras entre as linguagens (pintura, desenho, escultura, gravura, fotografia...) e da rigidez entre elas. Por conseguinte, também concordamos com Nalini (2015, p. 57), quando afirma que utilização de materiais e objetos de uso comum do cotidiano e da “superação do campo estrito da forma pela busca de novos conteúdos e significados permitidos pela imagem”. De fato, acreditamos que a arte contemporânea, pode ser entendida como inauguração do inesperado e como aquela que desperta questionamentos. Ou seja, como um vetor de provocação, espanto e encantamento. (Santos, 2021, p.4)

A ruptura das fronteiras entre as linguagens e da rigidez entre elas, ressaltada pela autora, implica em uma abordagem mais aberta e criativa na escolha de materiais, indo além dos tradicionais lápis e papel, e mesmo estes precisam estar mais presentes e ressignificados. Ao incorporar materiais do cotidiano, como sucata, objetos reciclados, elementos naturais e inusitados, podemos proporcionar de maneira inovadora, muitas formas de exploração de materiais. Isso não apenas estimula a criatividade das crianças, mas também as convida a questionar e repensar o uso convencional de objetos e materiais. Ademais, a abordagem da arte contemporânea na seleção de materiais enfatiza o valor da experimentação, da expressão pessoal, do pensamento crítico e da ressignificação e na construção de novas memórias (Barbieri, 2022). Como docentes, podemos e devemos promover um ambiente onde as crianças são encorajadas a explorar, criar e comunicar-se por meio de uma ampla variedade de materiais. Isso não apenas nutre a expressão artística das crianças, mas também promove um desenvolvimento integral, promovendo ambientes mais dinâmicos, que se caracterizam por serem fluidos, ativos e propícios ao movimento, à provocação, à experimentação e à diversificação de práticas.

Esse conjunto de reflexões e indagações nos conduz por um universo de descobertas no contexto da educação infantil, onde as crianças desempenham um papel central na

construção de experiências, que dessas também podem ser as experiências estéticas, como citado por Oliveira e Silva(2021) em “Arquiteturas do brincar: cabanas encantadas”, o artigo destaca a criação e a inventividade das crianças na educação infantil ao explorarem os espaços por meio da construção de cabanas. A abordagem sensível da proposição, revela como as crianças e as professoras transformam os espaços-tempos, inquietando e dinamizando os ambientes, promovendo a interação entre arte, arquitetura e educação. As cabanas nesse sentido são entendidas como símbolos de acolhimento, cuidado e criação, apontando para uma educação que valorize a singularidade das crianças como agentes de seus processos. A exploração desses espaços se configura como uma experiência estética relevante, possibilitando a descoberta, aprendizado e expressão das crianças por meio da interação com objetos e materiais diversos.

A cabana das crianças é uma criação ornamental, e exige estudo, pesquisa e sabedoria. É um amontoado de muitas coisas que integram muitos elementos, sua imagem é uma instalação estética escorada em algo estável, ou em que essa firmeza dure pelo menos o tempo da brincadeira. Não é fácil, pois quando as mãos pequenas conquistam o prender do lençol, o outro lado se solta; a garantia de muitos prendedores de roupas permite, de certa forma, o encorajamento para continuar a verticalização dessa cobertura. Aos poucos, quando os materiais vão se transformando em armação/estrutura, as/os pequenas/os se encantam com suas próprias produções, e esta é a questão, em que o criar e o desenvolvimento da técnica se fundem como fundamento de todas as artes. O fazer da/na/com a experiência permite que as crianças construam a confiança em si mesmas, em seus corpos e na sua imaginação, e essas referências são fundamentais para compreenderem-se como agentes de seu processo.(Oliveira; Silva, 2021,p. 178)

As cabanas nesse contexto, nos revelam que as crianças, a partir das experiências, do fazer/criar/vivenciar criam um mundo à parte, uma pequena “aldeia” erguida com os pilares da imaginação e dos seus sentidos. Sua construção é como uma dança, um emaranhado de ideias que se entrelaçam e podem se desfazer ao um sopro do vento ou à curiosidade das mãos pequeninas de tentar outras possibilidades. É como uma obra de arte em constante movimento, um espetáculo que se ergue aos poucos, um caminho de aprendizado, onde o segurar de um lençol ensina sobre firmeza e persistência. As mãos infantis, vão desvendando o segredo das amarrações, como se fossem arquitetos do seu próprio mundo e nós os “[...] apreciadoras/es das produções das crianças e fruidores/as das suas obras em que somos atravessadas/os, pela experiência de apreciar os despropósitos das/os pequenas/os.” (Oliveira; Silva, 2021, p.179)

Feldman e Bertolletti (2019), em consonância com as perspectivas encontradas nos trabalhos anteriores, em seu artigo “Vivenciar a Arte na educação infantil”, destacam que a experiência estética na educação infantil ocorre principalmente através do tocar e do fazer, enfatizando a importância da manipulação de materiais e da criação artística como parte integrante da educação. Ou seja:

[...] quando nos debruçamos sobre as características da infância, nosso foco de interesse, vemos que muito do seu experienciar se dá no próprio fazer. A criança *apreende aquilo que toca*. Isso influencia sua forma de fruir, como discutiremos adiante, mas também coloca a esfera do criar em um patamar de maior relevância – ainda que intrinsecamente ligado ao fruir, que costura suas bases. (Feldman; Bertolletti, 2019, p.99)

O experienciar da infância está intrinsecamente ligado ao próprio ato de criar. As crianças aprendem e internalizam conceitos enquanto manipulam objetos, experimentam texturas, cores, formas e exploram diferentes possibilidades de expressão por meio das artes. Portanto, as experiências artísticas não são apenas sobre a livre expressão, mas também sobre a oferta de materiais, ambientes e oportunidades para as crianças explorarem e comunicarem-se. Entretanto, é fundamental reconhecer que as práticas pedagógicas centradas nas experiências artísticas nem sempre são priorizadas no sistema educacional. Pressões externas, currículos rígidos e avaliações padronizadas podem limitar a ênfase dada às atividades artísticas e à experimentação. Portanto, a integração bem-sucedida da arte nas práticas pedagógicas requer uma defesa contínua da importância do desenvolvimento artístico na educação das crianças.

Santos e Carvalho (2019), trazem em seu artigo “Arquiteturas efêmeras de jogo e educação infantil: diálogos com a arte contemporânea”, em uma das subseções, a seguinte indagação: “Fazemos arte na educação infantil?”. Ao abordar a questão, trazem alguns aspectos, até mesmo engraçados, pelas contradições que acontecem no cotidiano das instituições. As autoras exploram a percepção das crianças ao realizarem ações que, aos olhos dos adultos, podem ser interpretadas como “fazer arte”, levantando uma discussão sobre “O que de fato é considerado arte no contexto educacional?”. A abordagem das autoras destaca uma situação curiosa, em que as atitudes espontâneas das crianças, que muitas vezes divergem das expectativas dos adultos, são rotuladas como “fazer arte”. Essas ações, que podem incluir a desorganização de espaços, a modificação de objetos e até mesmo a expressão de vontades

imediatas, são vistas como transgressões ao que é esperado, mas carregam consigo um forte potencial criativo e investigativo.

É verdade que as crianças pequenas em diferentes momentos desacomodam a nós adultos. Suas vontades imediatas, perguntas não esperadas, sentimentos expressos perante as coisas que lhe tocam, atitudes e expressões que transgridem com o modo no qual foi “indicado”, suas maneiras de burlar e reorganizar as coisas-brinquedos, espaços e até mesmo o tempo ao se desprender dessa preocupação. Essas questões, resumidamente apresentadas, carregam motivações e significados que fazem parte inclusive dos processos de constituição da criança e do protagonismo infantil. Contudo, a criança quando apresenta uma atitude que não condiz com o “esperado”, quer algo naquele momento - uma vontade urgente - está fazendo (ou querendo fazer) “arte”! E porque arte? Que visão será essa de arte? É contraditório pensar que o termo “fazer arte” está associado a algo que as crianças fazem que é negativo (aos olhos adultos), mas que possui um forte potencial criador e investigativo, cerceado de possibilidades. (Santos; Carvalho, 2019, p.28)

O “fazer arte” trazido pelos autores, nos leva a questionar a abordagem convencional/tradicional de ensino e aprendizagem, especialmente na educação infantil, pois demonstram que esse fazer não se limita a práticas estanques e definidas, mas é uma manifestação que pode ser espontânea, intencional, multifacetada e dinâmica. Até que ponto as práticas educativas atuais consideram essa ampla gama de possibilidades de aprendizagens? Como poderíamos criar ambientes e experiências mais integrais que permitam às crianças explorar o mundo por meio de múltiplas linguagens, sem restrições predefinidas?, esses são alguns dos questionamentos que precisam nos mobilizar como professores. A percepção das crianças sobre o mundo é delineada pela vontade de experimentar. Essas peculiaridades das crianças contrastam com práticas mecânicas que tentam reproduzir ações ou restringir a experiência, muitas vezes consideradas sob a perspectiva adultocêntrica. Quando as crianças são direcionadas a reproduzir algo específico, como em uma atividade que visa apenas a reprodução de um modelo, essa abordagem limita a sua capacidade de explorar e expressar a sua própria compreensão do mundo (Santos; Carvalho, 2019).

Diante da ampla reflexão acerca da importância dos materiais diversos na educação infantil, assim como das práticas inspiradas pela arte contemporânea, é fundamental reconhecer que os ambientes para as crianças vão além da mera disposição de recursos e materiais, mas envolvem as criações de espaços que instiguem e os materiais, quando oferecidos de forma intencional e diversificada, não apenas promovem o desenvolvimento integral mas também a capacidade de ressignificar o mundo ao redor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da leitura e análise dos artigos supracitados, fica nítida a importância da disponibilidade de materiais e espaços/ambientes ricos, instigantes e variados, além da intencionalidade docente, que é fundamental para que as crianças tornem-se agentes ativos, imaginativos e autônomos nos contextos de educação infantil. A diversidade de materiais, tanto os convencionais quanto os não convencionais, em suas múltiplas possibilidades de exploração, proporcionam oportunidades únicas para a expressão criativa das crianças, potencializando as interações, o brincar, a imaginação, o desenvolvimento integral, experiências e aprendizagens diversas.

A pesquisa revelou, a partir de trabalhos analisados, as contribuições da arte contemporânea para repensar os espaços e os materiais a serem ofertados às crianças. A arte contemporânea frequentemente utiliza uma diversidade de materiais e oferece possibilidades de conceber espaços e materiais de maneira inovadora, incentivando a capacidade de ressignificação. Sendo assim, a arte e, principalmente, a arte contemporânea tem sido um terreno fértil para repensar a maneira como vemos o mundo, como pensamos os espaços e as proposições pedagógicas, desafiando convenções e expandindo os limites e concepções tradicionais de educação infantil.

Trazer as perspectivas da arte para a educação infantil é uma oportunidade de interrogar olhares, rever práticas, ampliar e diversificar experiências, revelada por meio dos artigos analisados por essa pesquisa. A inserção de materiais não convencionais e a valorização da experimentação na educação infantil proporcionam às crianças um ambiente que ecoa a liberdade criativa encontrada na arte. Isso promove um ambiente onde os materiais são vistos como ferramentas de exploração e experimentação do mundo ao redor.

Os professores podem/devem encorajar as crianças a questionarem, a experimentarem e a explorarem materiais “comuns” e “incomuns” nas instituições de maneiras inovadoras, o que vai ao encontro do espírito da arte contemporânea. Proporcionar as condições para que elas sejam os agentes principais na criação de mundos imaginativos, em que elementos do real e da fantasia se misturam, onde materiais variados são transformados em novas formas de expressão, é uma forma de e incentivá-las a questionar, a refletir e a se expressar por meio de diferentes linguagens. Os relatos de experiências práticas destacam a importância da intencionalidade nas práticas pedagógicas, oferecendo pistas e oportunidades para a exploração, ao mesmo tempo em que valorizam a criação autônoma das crianças. A

observação atenta e sensível dos professores durante as interações das crianças entre elas e com os materiais é central para refletir sobre as suas ações, saberes, significações, curiosidades e projetar a ampliação e diversificação de experiências

Diante do exposto, tornou-se evidente que a relação entre Arte e Educação Infantil revela um potencial imenso para transformar os espaços institucionais em ambientes que instigam e alimentam experiências e expressões em diferentes linguagens artístico-culturais. Ao abraçar a diversificação e a seleção de materiais de modo intencional e organizar espaços e tempos que considerem os direitos das crianças, nós educadores podemos contribuir para que as crianças se tornem ativas e participativas durante o seu processo educativo na educação infantil.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Kátia Adair et al. **O espaço da creche: que lugar é este?**. 2003.
- BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?**. Editora Blucher, 2022.
- BRANCO, Jordanna Castelo; CORSINO, Patrícia. **Experiência do encontro na educação infantil: interações, brincadeiras e espaços**. Educação (UFSM), v. 45, n. 1, p. 84-1-26, 2020.
- BRASIL. **Resolução CEB n.º 5 de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.
- CORSINO, Patrícia. **O cotidiano na educação infantil.**, 2006.
- DA CUNHA, S.R.V. **Cenários da educação infantil**. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, 30(2): jul/dez 2005. p. 165 - 185. Disponível em: <seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12451/7365>. Acesso em: 25 de Jun. de 2021.
- DA CUNHA, Susana Rangel Vieira. **Materiais da/de Arte para as crianças**. Olhar de Professor, v. 24, p. 01-25, 2021.
- DE OLIVEIRA, Fernanda Ferreira; DA SILVA, Peterson Rigato. **Arquiteturas do Brincar: cabanas encantadas**. Revista Digital do LAV, p. 173-186, 2021.
- EDWARDS, C. P. **As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Tradução: Marcelo de Abreu Almeida. Revisão técnica: Maria Carmem Silveira Barbosa. v. 2. Porto Alegre: Penso, 2016.
- ESTUDIO DE PINTURA APONTHEKE. **Quais os materiais para Arte? Ou existem materiais para Arte**. Youtube. 08 de Agosto de 2021. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=dV9scqO_5_8&t=5743s . Acesso em: 18 de Agosto de 2023.

FELDMAN, Marina; BERTOLETTI, Andréa. **VIVENCIAR A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Poésis Pedagógica, v. 17, n. 1, p. 97-110, 2019.

FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro**. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015. 274p.

FORNEIRO, Lina Iglesias. **A organização dos espaços na educação infantil**. Qualidade em educação infantil, p. 229-281, 1998.

GANDINI, L. **Espaços educacionais e envolvimento pessoal**. In: EDWARDS, C. P. **As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 146-158.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. Penso Editora, 2006.

GUIMARÃES, Daniela. **Educação infantil: espaços e experiências**. O cotidiano na Educação Infantil, 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis**. Educação e Pesquisa, v. 27, n. 02, p. 229-245, 2001..

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista katálysis, v. 10, p. 37-45, 2007.

MALAGUZZI, Loris. **Espaços da escola**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Org.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 27-31.

MASSON, Giseli Alcassas; FERNANDES, Jarina Rodrigues. **OS ESPAÇOS DOS BEBÊS NA CRECHE: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**. Revista Interinstitucional Artes de Educar, v. 6, n. 2, p. 556-577, 2020.

RIBEIRO, Cássia Calandrini. **O direito ao uso das mãos: explorando materiais na Educação Infantil**. Ensino em Perspectivas, v. 2, n. 3, p. 1-9, 2021.

RODRIGUES, A. J. L. (2021). **A creche como um lugar para e dos bebês: uma reflexão sobre suas ações e a(s) materialidade(s)**. Trabalho apresentado na 40ª Reunião Anual da ANPEd, 26.

SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; DE CARVALHO, Rodrigo Saballa. **Arquiteturas efêmeras de jogo e Educação Infantil: diálogos com a Arte Contemporânea**. Revista Apotheke, v. 5, n. 3.2018

SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **As crianças e suas performances em contextos de instalações de jogo: diálogos entre a Educação Infantil e Arte Contemporânea**. Olhar de professor Ponta Grossa, PR. Vol. 24, e- 17640.065 (2021), p. 1-24, 2021.

SILVA, Andreia Haudt da; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **Experiências estéticas na Educação Infantil - Práticas pedagógicas desenhadas pela Arte**. Revista Interinstitucional de Artes de Educar, p. 525-550, 2019.

SILVEIRA, R. (2018). **Bebês, Brincadeiras e Natureza: Brinquedos não estruturados e naturais no cotidiano do berçário de uma creche privada no Município de Feira de Santana-BA.** São Cristóvão, Brasil: Colóquio Internacional.

PASSOS, Amanda Silveira Dos; GOULART, Mariléia Mendes. **Materialidades disponíveis para crianças bem pequenas da educação infantil do Município de Treze de Maio.** Repositório Universitário da Ânima, p. 1-19, 2022.

SOUZA, Lidiane Cristina Loiola; DE CAMPOS TEBET, Gabriela Guarnieri. **Linguagens e materialidades na arte contemporânea: o lugar da educação infantil e das crianças nesse debate.** Olhar de Professor, v. 24, p. 1-15, 2021.

TASQUETTO, Angélica. **Desenhar-se de nuvem—das intensidades possíveis com materiais e materialidades e artes visuais e infâncias e..** Revista GEARTE, v. 8, n. 3, 2021.

VIEIRA, Daniele Marques. **O espaço-ambiente em uma perspectiva estético-didática para pensar a prática educativa e o currículo na educação infantil.** Revista Linhas, v. 19, n. 40, p. 161-183, 2018.

